



A COMPREENSÃO INTELLECTUAL E HUMANA EM EDGAR MORIN E O ENSINO DE LITERATURA À LUZ DO PENSAMENTO COMPLEXO¹

Táise Neves Possani², Maria Simone Vione Schwengber³, Sidinei Pithan da Silva⁴

¹ Trabalho desenvolvido na disciplina de Educação contemporânea e racionalidade, sob a orientação do professor Dr. Sidinei Pithan da Silva, no primeiro semestre de 2023/UNIJUÍ.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação na Ciências (UNIJUÍ); professora e coordenadora dos cursos de graduação em Letras e Pedagogia (UNIJUÍ)

³ Professora doutora do Programa de Pós-graduação em Educação na Ciências (UNIJUÍ)

⁴ Professor doutor do Programa de Pós-graduação em Educação na Ciências (UNIJUÍ)

RESUMO

O presente estudo pretende retomar brevemente a discussão acerca da racionalidade moderna, assinalando seus limites e a necessidade de uma crítica da razão e de uma razão crítica para podermos estabelecer novas bases para o pensamento e para o conhecimento, sobretudo o escolar. Justifica-se pela atual perda de espaço das humanidades nos currículos escolares, como as artes e a literatura, o que tem resultado em uma redução da capacidade de imaginar e criar e do potencial formativo dessas áreas para crianças e jovens. Teoriza sobre os conceitos de conhecimento do conhecimento, bem como de compreensão intelectual e de compreensão humana e quais os desdobramentos dessa perspectiva do autor Edgar Morin (2014; 2015) para a educação contemporânea. Metodologicamente estabelece-se pela revisão bibliográfica de obras do autor Morin e de outros autores que contribuem para o tema. Ao tomar por base o estudo da complexidade em Morin (2015), o estudo resultou na defesa da tematização acerca da retomada dos caminhos de uma educação estética e sensível, tão necessária de ser restabelecida na escola básica. Nesse aspecto, o ponto de encontro que propomos se dá pela poética e pelo texto literário, o qual defendemos como sendo lugar de encontro do conhecimento e da sensibilidade humana.

Palavras-chave: Complexidade. Ensino. Literatura. Formação Humana.

ABSTRACT

This study aims to briefly resume the discussion about modern rationality, highlighting its limits and the need for a critique of reason and critical reason so that we can establish new bases for thought and knowledge, especially in schools. It is justified by the current loss of space for the humanities in school curricula, such as the arts and literature, which has resulted in a reduction in the capacity to imagine and create and the formative potential of these areas for children and young people. It theorizes on the concepts of knowledge of knowledge, as well as intellectual understanding and human understanding, and what are the consequences of this perspective of the author Edgar Morin (2014; 2015) for contemporary education. Methodologically, it is established by the bibliographical review of works by the author Morin and other authors who contribute to the theme. By taking as a basis the study of complexity in Morin (2015), the study resulted in the defense of the thematization about the resumption of the paths of an aesthetic and sensitive education, so necessary to be reestablished in basic schools. In this aspect, the meeting point we propose is through poetry and literary text, which we defend as a meeting place for knowledge and human sensitivity.



Keywords: Complexity. Teaching. Literature. Human Formation.

INTRODUÇÃO

a poesia é não apenas um modo de expressão literária, mas como um estado segundo do ser que advém da participação, do fervor, da admiração, da comunhão, da embriaguez, da exaltação e, obviamente, do amor; que contém em si todas as expressões desse estado segundo. A poesia é liberada do mito e da razão, mas contém em si sua união. O estado poético nos transporta através da loucura e da sabedoria, e para além delas (Morin, 2003, p.09).

Em seu livro *Ensinar a Viver: Manifesto para mudar a educação*, publicado em 2014, Edgar Morin afirma a utilidade do ensino da literatura “pelo fato de desenvolver, ao mesmo tempo, a sensibilidade e o conhecimento” (2015, p.16). Parece no mínimo contraditório buscarmos um fim útil para o texto poético, contudo, ou retomamos uma via de argumentação acerca do valor da arte e das humanidades ou elas tendem a continuar, na contemporaneidade, à margem e minorizadas em relação às produções técnicas, científicas e, por que não, utilitaristas.

Somos herdeiros de uma visão da realidade que estabelece uma dicotomia entre a razão e a sensibilidade, o objetivo e o subjetivo e, talvez, o “útil” e o “inútil”. O que ocorre é que na busca por atender a uma vida prática, repleta de pragmatismo e de objetividade, os aspectos estéticos da vida, a poética do cotidiano, o olhar tido como “romântico” e imaginativo sobre os fatos e as coisas tem sido desconsiderado, relegado a um lugar de marginalidade e perda de valor.

Na visão de mundo utilitarista, imposta sobretudo pelo pensamento capitalista, tecnicista e racional, em que tudo deve ter uma utilidade, um valor agregado e gerar ganhos, o tempo destinado ao sonho, ao devaneio, ao ócio, à criação e à inventividade é reservado aos loucos, aos poetas, aos “inúteis”; ou quando ocorre é posto a serviço do empreendedorismo e da capacidade de inventar novos negócios ou soluções para o mercado, por meio de um discurso revestido de palavras como “criatividade”, “inovação”, “empreendedorismo”, o que tem gerado um embrutecimento e uma perda da capacidade de criar e sonhar livremente e abertamente. Quando essa visão toma os currículos escolares e as vidas juvenis e infantis, então há um sinal de alerta em relação aos rumos que estamos tomando e às escolhas que estamos fazendo. A autora Martha Nussbaum, em seu livro, *Sem fins lucrativos: por que a*



democracia precisa das humanidades (2015), apresenta no capítulo intitulado “Cultivar a imaginação: a literatura e as artes” uma epígrafe inicial que nos permite, em parte, essa reflexão:

Embora possamos nos tornar poderosos por meio do conhecimento, alcançamos a plenitude por meio da compaixão...

Percebemos, contudo, que o ensino da compaixão, embora não seja sistematicamente ignorado nas escolas, é severamente reprimido. (Tagore, 1916 *apud* Nussbaum, 2015, p. 95)

Assim, a discussão que entendemos necessária se dá em torno do potencial formativo presente, sim, na via do pensamento racional, mas também da educação estética e ética, recolocando a questão. Nesse sentido, o presente estudo pretende retomar brevemente a discussão acerca da racionalidade moderna, assinalando seus limites e a necessidade de uma crítica da razão e de uma razão crítica para podermos estabelecer novas bases para o pensamento e para o conhecimento, sobretudo o escolar. Isso porque, como estabelece Morin (2015), para mudarmos a educação no século XXI é preciso problematizar o “conhecimento do conhecimento”. Tal argumento de Morin (2015) nos faz olhar para o constitutivo do conhecimento, principalmente em sua relação com a modernidade. Assim, tematiza-se os conceitos de conhecimento do conhecimento, bem como de compreensão intelectual e de compreensão humana e quais os desdobramentos dessa perspectiva de Morin para a educação.

Da mesma forma, o presente trabalho defende a tematização acerca da retomada dos caminhos de uma educação estética e sensível, tão necessária de ser reestabelecida na contemporaneidade. O ponto de encontro que propomos se dá pela poética ou pelo texto literário, no bojo do que nos instiga também a pensar Edgar Morin (2014, 2015). Isso porque, ele nos aponta o caminho do “pensamento complexo” e da “relição dos saberes” como via possível para a construção de uma nova visão da educação e da formação humana, pautadas em uma mudança paradigmática capaz de reposicionar os rumos da educação e da própria sociedade, o que nos instiga a pensar na Literatura como uma das vias seguras para esse percurso.

Assim, na primeira seção são tematizadas a noção de razão e a perspectiva de Morin sobre o conhecimento do conhecimento para, na seção seguinte, tematizar a via da literatura como ponto de encontro entre o conhecimento e a arte. Tal perspectiva de estudo, e seus



âmbito escolar, os quais podem inclusive acentuar problemas de indisciplina, violência e indisposição para aprender. Para o autor,

A incompreensão reina nas relações humanas entre seres humanos. Ela atua nas famílias, no trabalho e na vida profissional, nas relações entre indivíduos, povos, religiões. É cotidiana, planetária, onipresente. Cria mal-entendidos, desencadeia os desprezos e os ódios, suscita as violências e sempre acompanha as guerras. (Morin, 2015, p. 74)

Nos interessa a reflexão produzida pelo autor em duas medidas, uma por podermos tensionar o conhecimento pela via do conhecimento do conhecimento apresentada por ele em suas obras, bem como os entendimentos acerca do papel das incertezas e dos erros na constituição dos saberes humanos, legitimando-os nos processos educativos, o que nos parece ser a abertura necessária para admitirmos a arte, o sonho, a imaginação, a criação ficcional como possibilidades do conhecer. Outra, por possibilitar o entendimento acerca do lugar complexo da compreensão e, por sua vez, da incompreensão. E nesse sentido, ele põe em destaque o que entende como “Obra educativa essencial”, ou seja, a “educação para a compreensão” (Morin, 2015), a qual segundo ele, está ausente em nossos programas de ensino, o que torna inevitável, e por que não urgente, a mudança de paradigma.

A proposta do autor em *Ensinar a Viver* (2015) pauta-se em um estudo das raízes das incompreensões, suas modalidades e efeitos. O medo do outro e da compreensão do que ele seja tem levado às rupturas e às violências. Para Morin (2015), compreender o que o outro vive, a sua multiplicidade é a base da compreensão humana, evitando um entendimento reducionista que, para o autor, seria inumano. Nesse sentido, ele postula alguns mandamentos para a compreensão e junto deles como esse processo se dá no âmbito da escola em relação ao corpo docente e discente, bem como ao comportamento juvenil. Sobre a necessária compreensão entre professores e alunos, Morin aponta um caminho que para ele

Trata-se de manter ou reencontrar uma missão insubstituível, a da presença concreta, da relação de pessoa a pessoa, do diálogo com o aluno, por meio da transmissão de um ‘fogo sagrado’ e da elucidação mútua dos mal-entendidos (2015, p.96).

Por fim, podemos destacar de seu pensamento o fato de que há uma noção de “inteligibilidade complexa”, a qual irá exigir que compreendamos a nós mesmos e as nossas insuficiências e carências, substituindo-as pela consciência de nossa insuficiência. Portanto,



Assumir a radicalidade de que a própria razão (logos) opera paradigmaticamente, constitui-se em um modo de explicitar o mundo do qual decorre um modo de agir no mundo, nos levaria a reconhecer que estamos já situados em um paradigma constitutivo da condição humana: a linguagem. É nela, com ela e por ela que produzimos significações. É ela nosso limite e nossa possibilidade. Logo, não existe um incondicionado. Logo, não existe um incodicionamento, por que não há humano fora da linguagem – o que não significa dizer que tudo é linguagem – mas afirmar que nossa percepção da realidade é sempre mediada por ela (2010, p.53).

Portanto, é na linguagem e por ela que podemos dizer algo novo sobre nós, sobre nossas experiências. Assim, percebe-se na linguagem literária o sentido da abertura, da percepção para muito além do pensamento racional, da racionalidade produzida, embora reconheça-se que há nela também um discurso que opera no campo do conhecimento.

Nessa perspectiva, retomamos Morin (2010) quando esse nos aponta o potencial do texto literário para nos permitir conhecer e sentir ao mesmo tempo, isso por que, para além da faceta da razão, por meio dele torna-se possível tocar o não tocado, o abstrato, o intangível, o não sabido, o que paira, que está além, mas que está ainda assim presente: as dimensões estéticas, poéticas sobre o mundo, sem contudo abrir mão dos ganhos oriundos do conhecimento sobre a realidade.

Assim, reconhece-se o potencial da literatura e das expressões artísticas em geral para a educação do sensível, capaz de auxiliar as crianças e jovens na sua vida de relações pessoais, a vida íntima, o uso sensível e prudente dos lazeres (Fumaroli In.: Morin, 2010). Nesse sentido,

a escola deve primeiramente tomar uma certa distância em relação ao mundo das urgências imediatas, a fim de construir homens e mulheres interiormente preparados para conhecerem a si mesmos e se desenvolverem em todas as circunstâncias, quer privadas ou profissionais. A função insubstituível da escola é educar para a fala e para a expressão precisas, que são aquisições para sempre, preciosas em todas as profissões e em todas as eventualidades da existência. Devemos restabelecer a liberdade e a diversidade de escolhas e nas formações literárias (FUMAROLI In.: MORIN, 2010, p. 277).

Enfim, entende-se que por intermédio da leitura literária o jovem pode ter oportunidades de perceber-se, assim como para desenvolver-se em sua humanidade, conseguindo chegar tanto à compreensão intelectual, quanto à compreensão humana (Morin, 2015). Além disso, a retomada do campo estético na educação se faz necessária para



compreendermos os desafios do milênio, como também trazermos ao debate a compreensão do papel do ser, bem como da compreensão de sua relação e compromisso com o outro e ambos com a natureza e os destinos da vida planetária. Para isso, instigar o potencial imaginativo torna-se imprescindível. Para Nussbaum, “Os cidadãos não conseguem se relacionar de maneira adequada com o mundo complexo que os rodeia unicamente por meio do conhecimento factual e da lógica.” (2015, p. 95). Aspecto que nos desafia a desenvolver uma outra perspectiva da racionalidade, e nela, do lugar da literatura, modificando o cenário e o sentido do ato de educar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, o presente estudo objetivou compreender o papel da literatura e como o texto literário se mostra como ponto de encontro para o conhecimento de si, do outro e do mundo, pela via da compreensão intelectual e humana propostas por Edgar Morin. Defendemos o texto literário como *locus* de liberdade, construção e desconstrução, criação e invenção, ambos os processos potentes por possibilitar o conhecimento e pensamento crítico, assim como a experiência sensível, sendo, portanto, complexo e, por conseguinte, ambivalente, como aponta Morin (2015).

Tal perspectiva nos possibilita pensar sobre a racionalidade humana e seus limites, bem como tematizar acerca da necessidade de uma mudança de paradigma no campo educacional que seja capaz de produzir novas compreensões e uma nova relação entre razão, conhecimento e pulsão, sensibilidade no campo educacional. Por fim, recolocar a noção de que “O ser humano é um animal insuficiente, não apenas na razão, mas é também dotado de desrazão” (Morin, 2003, p.08).

Enfim, tais compreensões nos possibilitam ressignificar o lugar dado às humanidades na escola, bem como tensionar como se organizam os saberes escolares e de que forma as vidas infantis e juvenis vêm sendo envolvidas não só em conhecimentos estáticos e estéreis, mas potentes a ponto de lhes dar um impulso de vida e um desejo de ser, de aprender, de conhecer e de fato, como defende Morin (2015), aprendendo a viver em sua intensidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Porto Alegre: L&PM, 2016.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Educação Popular e Paradigmas Emancipatórios**. Revista Contexto e Educação. Ijuí: Editora da Unijuí, 2010.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

MORIN, Edgar. **Ensinar a Viver: manifesto para mudar a educação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. 6 e.d. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **A Religação dos Saberes: o desafio do século XXI**. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NUSSBAUM, Martha C. **Sem fins lucrativos: Por que a democracia precisa das humanidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

SILVA, Sidinei Pithan da. **Pós-modernidade, capitalismo e educação: a universidade na crise do projeto social moderno**. Curitiba: Appris, 2016.